



O ESPORTE E O CAMPO ACADÊMICO BRASILEIRO: UM OLHAR NA PRODUÇÃO DA DÉCADA DE 1980

Marcelo Moraes e Silva (UFPR); Aline Jorge Corrêa (UFPR); Fernando Marinho Mezzadri (UFPR);
Kátiuscia Mello Figuerôa (UFPR); Palmira Sevegnani (UFPR)

RESUMO

O presente estudo busca compreender como os intelectuais brasileiros da década de 1980 trataram epistemologicamente o Esporte. As fontes documentais utilizadas na pesquisa foram os denominados teóricos da crise da Educação Física: Medina (1983); Oliveira (1983); Cavalcanti (1984) Bracht (1986) e Betti (1991). Os resultados da pesquisa apontam que estes autores da Educação Física brasileira incitaram o surgimento de uma “crise” epistemológica na área. Situados neste contexto, alguns destes intelectuais condenaram o fenômeno esportivo, demonstrando que sua manifestação reproduzia as lógicas da sociedade capitalista, expondo, com isso, a infância e a juventude que ocupam a escola a determinados malefícios. A título de conclusão, argumenta-se que o Esporte foi “condenado” mais por um viés epistemológico do que por uma intimação dirigida a ele. Palavras-chave: Esporte; Epistemologia; produção do conhecimento.

INTRODUÇÃO

Com o início da redemocratização no Brasil, críticas aos modelos sociais de todas as instâncias começaram a serem feitas no final da década de 1970 e início da de 1980. Na área esportiva isso não ocorreu de forma diversa. Tal momento veio a colaborar com a produção de estudos como os de Medina (1983), Oliveira (1983), Cavalcanti (1984), Bracht (1986) e Betti (1991) amparados nas ciências humanas, pois o processo de formação dos professores em Educação Física passou também a procurar respaldo acadêmico em outras áreas de conhecimento que não apenas aquelas voltadas aos preceitos biológicos.

A consequência dessa movimentação ocorrida nos anos 1980 no campo científico brasileiro foi o surgimento de várias formas de pensar o Esporte, culminando com um intenso debate entre os representantes de cada uma das matrizes (BRACHT, 1999; FERON; MORAES E SILVA, 2007). A partir de então “novos horizontes” foram vislumbrados e “acirrados” debates foram travados em torno do fenômeno esportivo, seja via discurso da biodinâmica, socioculturais, pedagógicos.

Nesse sentido, compreender epistemologicamente o que estes autores da crise da Educação Física brasileira desejavam para o campo acadêmico brasileiro, bem como suas implicações para atualidade se tornam o principal objetivo do presente trabalho.

METODOLOGIA

A presente pesquisa tem uma perspectiva qualitativa de cunho exploratório. Houve um mapeamento dos intelectuais relacionados diretamente ao movimento de crise da Educação

Física ocorrido na década de 1980: Medina (1983), Oliveira (1983), Cavalcanti (1984), Bracht (1986) e Betti, (1991). No intuito de cumprir o objetivo da investigação foi utilizada como técnica de pesquisa a análise documental preconizada por Bardin (1992).

RESULTADOS

Até meados dos anos 1960, a Educação Física brasileira ainda não tinha um respaldo científico propriamente dito. Somente a partir de 1970, com a criação das entidades científicas e dos primeiros programas de pós-graduação, as pesquisas científicas foram se estabelecendo mais fortemente na área (BRACHT, 1999). A necessidade de firmar novas instituições, para promover pesquisas científicas, estava relacionada à importância da consolidação da Educação Física enquanto área científica. No entanto, todo o fomento à pesquisa, que se iniciou nesse período, esteve voltado ao Esporte. Somente no final da década de 1970, incentivada pelo enfraquecimento da Ditadura Militar brasileira (1964-1985) e o início do processo de redemocratização do Brasil, é que surgiu na área uma busca por aportes teóricos amparados nas ciências humanas (FERON; MORAES E SILVA, 2007).

Um dos trabalhos considerados pioneiros nesta aproximação foi o livro escrito em 1983, por Vitor Marinho de Oliveira, obra na qual se inicia um debate epistemológico sobre o significado do que seria a Educação Física. Em seu livro “O que é Educação Física?”, o autor advogava que os discursos advindos das ciências humanas deveriam balizar as práticas da Educação Física. Nessa visão, a análise recaiu principalmente sobre a concepção esportiva. Oliveira (1983), assim como muitos intelectuais na época (MEDINA, 1983; CAVALCANTI, 1984; BRACHT, 1986), acreditava que o Esporte possuía apenas uma subserviência à reprodutibilidade e um cálido consentimento de sua situação social. Na visão do autor, seria necessário revolver o que se passou anteriormente para poder melhor constituir a Educação Física, buscando, com isso, uma argumentação que demonstrasse que a mesma não deveria ser considerada sinônimo de Esporte e, se ela não é somente esporte, por que apenas se trabalha Esporte nas práticas pedagógicas? Esta questão passa a ser guia de uma série de reflexões de outros teóricos do incipiente âmbito acadêmico da Educação Física brasileira.

Outra obra central deste período foi o livro publicado também em 1983, por João Paulo Medina, intitulado “A Educação Física cuida do Corpo... e ‘mente’”. Trata-se de uma obra que tem como temática o discurso da necessidade de uma “crise epistemológica” para a Educação Física:

A Educação Física precisa entrar em crise urgentemente. Precisa questionar criticamente os seus valores. Precisa ser capaz de justificar-se a si mesma. Precisa procurar a sua identidade. É preciso que seus profissionais distingam o educativo do alienante, o fundamental do supérfluo de suas tarefas. É preciso, sobretudo, discordar mais, dentro, é claro, das regras construtivas de um diálogo. O progresso, o desenvolvimento, o crescimento advirão muito mais de um entendimento diversificado das possibilidades da Educação Física do que através de certezas monolíticas que não passam, às vezes, de superficiais opiniões ou hipóteses (MEDINA, 1983, p. 35).

A “crise” viria a construir um objeto de estudo em que os profissionais poderiam se respaldar para o desenvolvimento de suas pesquisas, ao mesmo tempo em que poderiam solidificar uma nova base teórica para a área (MEDINA, 1983). Assim como Vitor Marinho Oliveira (1983), o caminho apontado seria um contato com as ciências humanas. Nessa aproximação com as humanidades, os dois autores seriam os primeiros nomes de maior destaque, vindo depois a influenciar uma série de intelectuais brasileiros a apontarem uma necessidade de pensar a Educação Física a partir deste enfoque.

Foi no bojo dessa turbulência de dissensões teóricas, que Kátia Brandão Cavalcanti publicou, em 1984, o livro “Esporte para todos: um discurso ideológico” (CAVALCANTI, 1984). Nele, a autora expressou como o Esporte, ao ser pensado para as massas, procurava satisfazer uma política assistencialista, que acabava por reproduzir a competitividade do mercado, perpetuando assim os moldes da sociedade capitalista. O estudo proposto caminhou sob as bases dos documentos que auxiliaram a constituição do EPT (Esporte para Todos) no Brasil. No intento de elencar uma crítica sobre o mesmo, Cavalcanti apontou que o Esporte era utilizado para permear uma conformação entre o indivíduo e a sociedade em que ele se insere.

Nessa ambiência ocorreu uma primeira produção de conhecimento, advinda da necessidade de respaldar uma prática que não perpetuasse o Esporte tal como este estava constituído, mas, por um novo viés amparado nas ciências humanas. A releitura destas fontes mostrou que tais autores inauguraram a forte dicotomia presente na área até os dias atuais, ou seja, inicia-se na Educação Física brasileira um confronto entre os paradigmas biológico e pedagógico/sociocultural. Tais embates mudariam os rumos da área e o fenômeno esportivo estaria no centro desta disputa de poder dentro do campo epistemológico (FERON; SILVA, 2007).

Em paralelo às circunstâncias anteriores, formaram-se diversas teorias sócio filosóficas, que buscavam apreender o fenômeno esportivo enquanto manifestação política-cultural de uma sociedade industrial (BRACHT, 2003). Pautados nessas visões críticas de estruturação da sociedade capitalista, alguns autores brasileiros questionaram contundentemente o fenômeno esportivo (CAVALCANTI, 1984; BRACHT, 1986; BETTI, 1991).

Uma das principais linhas de crítica foi a relacionada ao materialismo histórico dialético. Tal matriz teórica reporta-se ao Esporte como um mecanismo da sociedade capitalista, comparando os atos, gestos e disciplina esportiva à submissão exercida pelo trabalhador ao capital (BRACHT, 2003). As denúncias marxistas ao Esporte ganham densidade epistemológica com a entrada de produções acadêmicas no país oriundas das reflexões da Teoria Crítica do Esporte (TCE), realizadas no contexto europeu dos anos 1960 e 1970. Segundo esta corrente de pensamento, o Esporte, por representar todos os elementos da sociedade industrial, acaba contribuindo com o desenvolvimento do capitalismo. Por isso, as práticas esportivas devem então ser repensadas e/ou mesmo descartadas enquanto elementos culturais. Cria-se neste momento na Educação Física brasileira uma importante vertente do pensamento crítico. Com isso surgem inúmeros

grupos de pesquisa e intelectuais dedicados ao tratamento destas questões. Tais reflexões, tanto no âmbito da Educação Física escolar como no do lazer/esportes, produziram críticas contundentes ao fenômeno esportivo (BRACHT, 2003; VAZ; TORRI, 2006).

Tais delações críticas alcançam seu ápice no contato que os intelectuais da Educação Física tiveram com os discursos que circulavam no âmbito pedagógico brasileiro. Afinal, diversos destes teóricos da Educação Física foram realizar suas formações em nível de pós-graduação em programas da área de Educação (FERON; SILVA, 2007). A partir desses encontros epistemológicos surgiram novos olhares, que acabaram fomentando a nascente produção teórica em ciências humanas da Educação Física.

A TCE ganha espaço no Brasil em paralelo com a presença, nas ciências da educação, de uma tentativa de superação de pedagogias que se entendia serem descomprometidas com as transformações sociais advogadas no final dos anos de 1970. A educação física fez encontrar esses dois vetores, uma vez problematizado o fato de o esporte ser seu conteúdo hegemônico na escola, o que fez com que aquele movimento teórico ganhasse entre nós uma expressão insuspeitada, vindo a compor parte da consolidação da área de conhecimento, processo ainda em desenvolvimento (VAZ; TORRI, 2006, p. 197).

Conforme se verificou, a TCE, o discurso pedagógico brasileiro e o materialismo histórico dialético proporcionaram, naquele momento histórico, o respaldo epistemológico que os estudos advindos da ruptura ocorrida durante a “crise de identidade” da Educação Física necessitavam. Pôde-se constatar, com isso, que os intelectuais da área, concentrados especificamente nos estudos pedagógicos, incitaram questionamentos sobre o Esporte. Nesse contexto, as práticas esportivas sofreram ardorosas acusações do nascente discurso epistemológico.

Vaz e Torri (2006) apontam que, influenciadas por esta maneira de pensar, as obras apresentadas por Cavalcanti (1984) e Bracht (1986) foram as que ganharam maior destaque na acusação ao Esporte. Cavalcanti apontava que o Esporte era um “vilão”. Seu principal “crime” seria o de imbricar sobre as massas a ideologia da sociedade capitalista. Já Bracht (1986), em texto denominado “A Criança que Pratica Esporte Respeita as Regras do Jogo... Capitalista”, também argumentou sobre a relação entre a manifestação esportiva e o capitalismo. Entretanto, o autor explanou mais especificamente sobre a função educativa do Esporte, fundamentado principalmente na discussão acerca da Educação Física escolar.

Dessa forma, são visões a-históricas do papel social da Educação Física, como também, circunscrevem-se no âmbito das teorias a-críticas da Educação (Saviani, 1984), por não reconhecerem os condicionantes sociais da Educação, Educação Física e atividade pedagógica. [...] Neste sentido, não podemos prescindir de uma análise crítica que possa identificar o papel social que a Educação Física concretamente cumpre nesse momento histórico da nossa sociedade (BRACHT, 1986, p. 62).

Além de Cavalcanti e Bracht, outro intelectual que também atuou com bastante destaque na “promotoria” foi Mauro Betti (1991). Embora o autor tenha se afastado do pensamento materialista

histórico-dialético, em seu livro “Esporte e Sociedade”, publicado em 1991, o mesmo se apropria de elementos da Teoria Crítica do Esporte e do pensamento pedagógico brasileiro:

(...) o esporte deve ser introduzido na escola, não somente por suas virtudes educativas, mas porque muitas pessoas praticam alguma atividade esportiva durante suas vidas, e devem ser ensinadas a praticá-la bem para dela tirarem satisfação e proveito. Mesmo aqueles que ao sair da escola tornam-se apenas consumidores passivos do esporte, devem aprender a assumir uma posição crítica diante do fenômeno esportivo (BETTI, 1991, p. 55-56).

Entretanto, Betti, diferentemente de Cavalcanti e Bracht, buscou realizar uma reapropriação esportiva. Somente agindo desta maneira, na opinião do autor, é que o fenômeno esportivo teria sua presença tolerável no âmbito escolar. Ao remontar este conjunto de fontes detecta-se que apesar de apresentar diferenças significativas em sua matriz de pensamento, os discursos apresentados naquele momento por Cavalcanti, Bracht e Betti, continham a veemente afirmação de que o Esporte deveria ser “condenado”. Diversamente de Cavalcanti, que argumentava sobre uma educação de sentido mais amplo para o fenômeno esportivo, Bracht e Betti apontavam a necessidade de voltar esse olhar para o espaço escolar e para as crianças que habitam este espaço. Nesse sentido, é possível afirmar que estavam criadas as bases epistemológicas de uma Educação Física escolar, que ganha grande força no Brasil, no final da década de 1980 e início da década de 1990.

CONCLUSÕES

Percebe-se na análise das fontes que a “condenação” do Esporte, se deu pela tentativa de uma demarcação de espaço dentro da esfera acadêmica. Afinal, os primeiros intelectuais foram buscar “provas” no âmbito acadêmico das ciências humanas para fortalecer seus discursos. Argumentações suficientes que proporcionassem a eles uma aceção de Esporte era maléfica para a sociedade. Essa crítica clamava por um olhar especial direcionado ao âmbito escolar, para tanto, apresentava uma compreensão do que o Esporte poderia causar à infância e à juventude, quando adentrasse o espaço escolar. As críticas foram suficientes para que o Esporte fosse “condenado”. Sua “sentença” consistia em alcançar uma nova prática, baseada em uma epistemologia crítica, e somente através deste novo viés é que o mesmo poderia alcançar a “absolvição”. Tais elementos se materializaram na produção dos anos 1990.

Nesse sentido, é possível afirmar que o Esporte ficou marcado pelos intelectuais, que fizeram dele o baluarte de suas primeiras produções ou, como se viu neste texto, os autores da Educação Física brasileira se utilizaram de uma aceção esportiva para incitar discussões no meio acadêmico e iniciar os primeiros estudos em torno da epistemologia, proporcionando, com isso, a valorização de um discurso que lhes deram uma maior visibilidade e uma melhor posição no campo acadêmico brasileiro.

Para finalizar, esse olhar elencado para o contexto de crítica ao Esporte aponta-se a necessidade de continuar a discussão. Tudo para tentar produzir, quem sabe, outras formas de pensamento sobre o Esporte e Educação Física.

ABSTRACT

This study aims to understand how Brazilian intellectuals of the 1980s epistemologically treated the sport. The documentary sources used in the research were that called theorists of Physical Education's crisis: Medina (1983); Oliveira (1983); Cavalcanti (1984) Bracht (1986); e Betti (1991). The results indicate that the authors of the Brazilian Physical Education incited the emergence of an epistemological "crisis" in the area. Set in this context, some of these intellectuals condemned the sport phenomenon, demonstrating that its manifestation reproduced the logic of capitalist society, exposing thereby, childhood and youth attending the school to certain harm. In conclusion, it is argued that the sport was "condemned" more for an epistemological bias than by a summons addressed to it.

Keywords: Sport; Epistemology; Production of Knowledge.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BRACHT, V. A Criança Que Pratica Esporte Respeita as Regras do Jogo...Capitalista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 7, n. 02, p. 62-68, 1986.

_____. **Educação Física & Ciência**: Cenas de um Casamento (In)Feliz. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.

_____. **Sociologia Crítica do Esporte**: Uma Introdução. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

CAVALCANTI, K. B. **Esporte para Todos**: Um Discurso Ideológico. São Paulo: Ibrasa, 1984.

FERON, A. de V.; MORAES E SILVA, M. A Igreja do "Diabo" e a Produção do Conhecimento na Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 29, n. 01, p. 107-122, Set 2007.

MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo... e "mente"**: Bases para a Transformação e a Renovação da Educação Física. Campinas: Papyrus, 1983.

OLIVEIRA, V. M. de. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VAZ, A. F.; TORRI, D. Do Centro à Periferia: Sobre a Presença da Teoria Crítica do Esporte no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 01, p. 185-200, Set 2006.